

C.D. 107
(33013)
Ref. 162
23.04.13



Documento
Sonoro do
Folclore
Brasileiro

Volume VI

Reis-de-Bois/ES

Chegança/SE

Cana-Verde/CE

Aboios/CE

Coleção
Musical **Itaú**
cultural

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ACERVO FUNARTE
DA MÚSICA BRASILEIRA

Presidente da República Federativa do Brasil Fernando Henrique Cardoso
Ministro de Estado da Cultura Francisco Corrêa Weffort
Secretário de Apoio à Cultura do Ministério da Cultura José Álvaro Moisés
Presidente da Fundação Nacional de Arte (Funarte) Márcio Souza
Diretor do Departamento de Ação Cultural da Funarte Gilberto Vilar de Carvalho
Coordenadora de Música da Funarte Valéria Ribeiro Peixoto
Presidente da Associação de Amigos da Funarte Arnaldo Niskier

ATRAÇÃO FONOGRAFICA

Direção Artística *Wilson Souto Jr.*
Gerente de Produto *Edson Natale*
Masterização *Cia de Audio*
Projeto Gráfico *Click Design Gráfico*
Direção de Arte *Luiz Cordeiro*
Arte Final *Caio Mariano*
Charge *Mariza Dias Costa*

Escreva para Atracção Fonográfica Ltda. e solicite informações a respeito
do nosso catálogo: Av. São Gualter, 1941 - São Paulo - SP - CEP: 05455-002
Tel.: (011) 813-6944 / Fax: (011) 212-9707
Internet: www.atracaoc.com.br / E-mail: atracao@atracao.com.br



Documento Sonoro do Folclore Brasileiro *Volume VI*

*Reis de Bois/ES
Chegança/SE
Cana-Verde/CE
Aboios/CE*

O *reis-de-boi* do Espírito Santo é um auto natalino em homenagem aos Santos Reis. Divide-se em duas partes: louvação e teatralização. Aparece em 6 de janeiro, com representação à porta da igreja. Depois, percorre a cidade, cantando e dançando, detendo-se ante as casas dos conhecidos, que, de porta fechada, ouvem a louvação ao Menino Jesus e aos Reis Magos. Terminado o canto, processa-se a "abrigão da porta", o grupo entoa a marcha de entrada e oferece o descante à família e demais pessoas.

A indumentária consta de calça azul, camisa branca com duas fitas coloridas cruzadas ao peito e às costas, chapéu enfeitado com flores de papel e de plástico, espelinhos e muitas fitas de cores pendendo da copa. O principal instrumento é a sanfona, que sola um trecho musical até que o mestre ordene a entrada do coro. Alguns tocam pandeiro, podendo comparecer um violão. Os personagens humanos do auto são o vaqueiro e sua mulher Catirina; os demais encarnam o boi e a "bicharada": cavalo-marinho, loba, lobisomem, pantasma (duas queixadas de cavalo, enfeitadas, erguidas em armação para avançar sobre a assistência) e outras figuras.

Após a marcha de "chamada do vaqueiro", ele entra na "brincadeira", sapateando, batendo o ritmo com o bastão. Traja roupa velha, paletó pelo avesso, bolsos de fora e máscara, significando que é trabalhador, atrapalhado da vida, nada possui. Uma bota velha, ou simplesmente calça amarrada, indica sua função de vaqueiro. Relata acontecimentos de forma satírica, mantendo diálogo com o dono da casa, provocando gargalhadas e levando a assistência a participar. Dentre seus nomes, Pai Francisco é o mais usado. Sua mulher, Catirina, é um travesti, objeto de brincadeiras de toda a espécie, motivo pelo qual se agarra constantemente ao vaqueiro. Canta-se, depois, a "chamada do boi" (denominado *boi mole*, pela ausência de armação), que entra dançando, dando voltas e chifradas. O dançador, cujo corpo é coberto por um chitão, apenas carrega a cabeça do boi sustentada por um pau, que funciona também como marcador de ritmo. A "bicharada" se apresenta individualmente, com indumentária identificadora, e cada um, a seu modo e jeito, estabelece seu relacionamento com o público, provocando divertidas correrias e confusões. Às vezes ocorre a morte do boi, quando se faz a "repartição", a venda de suas partes, procurando o cantador envolver as pessoas do lugar em seus versos. Depois vem a ressurreição, conseguida por quem de direito (médico, pajé, curandeiro), e o boi tem o seu grande momento, gira, dança, volteia, investe, pula e se despede airoso. O mestre mantém o conjunto em pagamento de promessa, é ele o dono da "brincadeira", designada com seu nome. No grupo que apresentamos nesta gravação, é chamado de *Guia*,

seguido de um *Contraguia*; os demais participantes são denominados *Marujos* ou *Congos*. No Dia de São Brás, 3 de fevereiro, o boi comparece pela última vez, o que determina uma reunião festiva de congraçamento.

Maria de Lourdes Borges Ribeiro

01 Ó é chegado em vossa porta (som de porta)	3:37
02 Senhora dona da casa (descante de porta)	2:37
03 É hora, é hora, meu bem, é hora (marcha de entrada)	1:41
04 Moreninha no meio do salão (marcha corrida)	2:05
05 Risca o dedo na sanfona (marcha de arretirada)	2:19

FICHA TÉCNICA ORIGINAL

Interpretação *Grupo Reis-de-Boi de Conceição da Barra, ES*

Guia *Manoel Ananias*

Contraguia *Laércio Clarindo Sant'ana*

Marujos *Sebastião dos Santos (sanfona), Brás Francisco da Silva (violão), Manoel Pedro*

Celestino, Adilson dos Santos, Jorge Francisco dos Santos, Jorge Ananias dos Santos,

Cecílio Barbosa da Silva, José Carlos dos Santos (pandeiros)

Cantorias *Com exceção do violonista e do sanfoneiro, todos os participantes cantam em coro*

Pesquisa *Prof. Hermógenes Lima Fonseca*

Gravação *Realizada no estúdio da Funarte em 22/8/80*

Técnico de Som *José Moreira Frade*

Montagem e Supervisão *Prof. Aloysio de Alencar Pinto*

Produção *Instituto Nacional do Folclore (Lélia Gontijo Soares, diretora) - Rua do Catete, 179, Rio de Janeiro, RJ*

CHEGANÇA / SE

Quando começou a publicar seus *Estudos sobre a poesia popular brasileira*, em 1879, depois reunidos em livro em 1888, Silvío Romero, sergipano de Lagarto, deu ênfase ao

registro das *cheganças*, indicando apresentações e transcrevendo textos que hoje podem, francamente, ser cotejados com os textos cantados pelos "marujos" de mais de trinta municípios sergipanos, onde o folguedo é registrado. Dera igualmente Sílvio Romero a Melo Moraes Filho material em quantidade e qualidade, especialmente sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, de Lagarto, aproveitado em *Festas e tradições populares do Brasil*. Também ali estava a *chegança*. Nos primeiros anos deste século, Serafim de Sant'Iago registra a *chegança* em São Cristóvão, no seu inédito *Anuário cristovense*, e descreve a luta inteira entre cristãos e mouros, que é, em essência, o auto da *chegança*, representado durante o ciclo natalino. Os registros são, portanto, ricos e abundantes na literatura folclórica sergipana, podendo servir de referência os de Alberto Deodato em *Senzaías*, 1919, Prado Sampaio em *Sergipe artístico, literário e científico*, 1928, Mário Cabral em *Roteiro de Aracaju*, 1948, Gilberto Amado em *História da minha infância*, 1954, Antonio de Oliveira Rocha em *Aracaju rediviva*, 1963, dentre outros. Ainda sobre *chegança*, o *Caderno de folclore nº 14*, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, de autoria da professora Beatriz Góis Dantas.

Em praças públicas, em palcos com forma de navio ou em recintos fechados, a apresentação da *chegança* em Sergipe tem sido freqüente e talvez seja o auto popular mais forte em permanência no Estado. Os textos, assim como as melodias e os cantos de rua, variam de registro a registro, deixando, contudo, clara a linha tradicional que tem sobrevivido pelo gosto do povo. A *chegança* de Lagarto, que aparece neste documentário sonoro, é um patrimônio da cidade, saindo invariavelmente às ruas todos os anos, nas festas de setembro (de emancipação e da padroeira) e na época do Natal. Lagarto continua como no tempo de Sílvio Romero: uma reserva de cultura popular.

Luiz Antônio Barreto

06 Entremos nesta nobre casa (louvação)	3:15
07 Dia de segunda-feira	2:17
08 Embarca, embarca, embarca	1:19
09 Mestre piloto	1:24
10 Terra, terra boa	2:00
11 Quando a aurora vem rompendo (marcha de rua) e Ai, adeus que eu já me vou (despedida)	1:59

FICHA TÉCNICA ORIGINAL

Interpretação "*Chegança*" de Lagarto, Sergipe (Paulo Ferreira, chefe)
 Gravação Realizada no Auditório da Biblioteca Epifânio Dória/Aracaju, SE, por Luiz Antônio e José Valfran de Brito, em Abril de 1976
 Técnicos de Som Everton Valadão e José Orico (Aracaju, SE)
 Montagem Prof. Aloysio de Alencar Pinto e José Monteverde, Museu da Imagem e do Som/ Rio de Janeiro, RJ
 Supervisão Prof. Aloysio de Alencar Pinto
 Produção Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (Bráulio do Nascimento, diretor-executivo) - Rua do Catete, 179, Rio de Janeiro, RJ

CANA-VERDE / CE

Dança de origem portuguesa, muito popular na região do Minho, apresentada pelos lusitanos nas festas da "colheita do trigo" e na "desfolhada do milho". se assemelham ao caule do nosso bambu, da taquara e da própria cana-de-açúcar. No Brasil, o relacionamento da dança da *caninha-verde* com o cultivo da cana-de-açúcar permitiu, em nosso meio rural, uma aclimação fácil e definitiva, em virtude de sua identificação verbal. Apesar das modificações sofridas na melodia, na rítmica e na própria coreografia da dança, conforme as influências do meio, estas não foram suficientes para descaracterizá-la. Muito pelo contrário, vieram mais uma vez testemunhar a continuidade de suas autênticas raízes através das gerações, mantendo, até nossos dias, a tradição recebida d'além-mar.

Entre os inúmeros registros da cana-verde encontrados em diversas regiões do nosso país, é provável que o mais completo seja o do litoral do Ceará (Iguape), pelo seu maior número de cantigas, versos e figurações coreográficas, sendo a dança apresentada em três aspectos e calendários diferentes: *simples* - com uma seqüência de catorze cantigas, no carnaval; em forma de *auto dramático*, acrescida de um episódio cômico (entremeio), denominado *casamento matuto*, nas festas juninas; com a figura de um rei, cuja função é autorizar o início do folguedo, no Natal.

O mestre da cana-verde, Paulino Elias de Oliveira, nos seus 73 anos de idade, é a principal atração do brinquedo. Ao som do seu apito, todos tomam os devidos lugares, formando uma fila dupla, com afastamento necessário para desenvolver sua dança tran-

qüila. Paulino Elias, com seu pandeiro, marca o ritmo da seqüência de cantos tradicionais da cana-verde (solo e coro), acompanhado pelas batidas de palmas de todos os elementos do grupo. Os passos, geralmente deslizados, sendo dois para a direita e dois para a esquerda, conforme a animação da música e as sugestões dadas pela letra, são feitos com movimentos às vezes mais amplos; enfatizando a acentuação do sincopado, os dançadores dão pequenos saltos, voltas inteiras e meias-voltas, tornando aos movimentos mais simples. Nessa região canavieira, um galho de sua planta, enfeitado com fitas verdes e amarelas, como um pendão, serve de símbolo para a dança e é carregado pela madrinha, Aurelina Rodrigues, que, por ser filha do mestre, é a única mulher a participar do grupo. Do tecido brilhoso da setineta, é feita a roupa e coberto o chapéu (de palha de carnaúba). As calças, a saia e os debruns, de cor verde; as camisas e a blusa, amarelas; os lenços do pescoço, vermelhos. O chapéu, verde, enfeitado por um espelhinho e duas penas de pavão, prendendo sua aba do lado esquerdo. Calçados de lona branca (tipo tênis) completam a vestimenta caprichosamente escolhida.

O grupo também pode apresentar-se fora do calendário, desde que surjam oportunidades para exibições públicas: nesses casos, as danças são interpretadas sempre obedecendo a sua forma *simples*.

Registrada em todo o litoral do Ceará, principalmente entre os jangadeiros, acredito seja mais uma reminiscência ibérica que chega a nossos dias, em virtude do isolacionismo em que sempre viveu aquela gente.

Aloysio de Alencar Pinto

12 A minha caninha-verde (abertura)	2:18
13 Sorri, quá, quá	1:47
14 Eu não vendo	1:52
15 Galo, galo	2:07
16 Menina tu vai ao baile	1:26
17 Caninha-verde, adeus, adeus (despedida)	2:22

FICHA TÉCNICA ORIGINAL

Interpretação *Grupo de Cana-Verde/Iguape, Aquirás, Ceará*
Solista *Mestre Paulino Elias de Oliveira*
Instrumento acompanhante *Pandeiro tocado pelo solista*

Pesquisa *Realizada pelos Profs. Aloysio de Alencar Pinto (coordenador), Irany Leme, Zayde Maciel de Castro e José Moreira Frade, sob o patrocínio do SESI-DN, em convênio com a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em nov/dez de 1975*

Região *Litoral do Estado do Ceará*

Gravação *Realizada no auditório do Centro Social Thomaz Pompeu de Souza Brasil/SESI-DR - Av. Francisco Sá, 6323, em 14/12/1975, Fortaleza, CE*

Técnico de Som *José Moreira Frade*

Montagem e Supervisão *Prof. Aloysio de Alencar Pinto*

Produção *Instituto Nacional do Folclore (Lélia Gontijo Soares, diretora) - Rua do Catete, 179, Rio de Janeiro, RJ.*

ABOIOS / CE

Denomina-se *aboio* o canto que o vaqueiro do Nordeste entoava durante o trabalho do pastoreio. Sua função é apaziguar, orientar e tanger o gado. Como gênero, integra o repertório poético-musical da área da cantoria (o folclore musical do Nordeste está dividido em duas grandes áreas: no litoral, o *coco*, e, no sertão, a *cantoria*).

Os aboios estão estruturados dentro das constâncias modais (4ª aumentada e 7ª abaixada) que caracterizam a melodia das toadas dessa região. Possuem ritmo livre, discursivo, uma linha melódica rica de expressividade, apesar de sua extensão estar quase sempre dentro do intervalo de uma oitava. É ária vocal individual não acompanhada e seu canto, de difícil transcrição em pauta, em virtude da duração das fermatas, respirações (vírgulas), vocalises estilizados, fiorituras e alguns valores de notação falados, nos quais o final das palavras deixa de ser pronunciado. Pelos aspectos estilísticos (canto melismático), o aboio nordestino lembra, às vezes, as expressões do canto gregoriano, ou, por extensão, o modismo da voz do muezim, quando, do alto do minarete, chama os fiéis para a prece.

O mais antigo registro de aboio (1792) encontra-se no *Rabicho da Geralda*, jóia do cancionário relacionado com a figura do boi.

De acordo com nossas observações, os aboios podem ser classificados em quatro tipos: 1. O aboio puro - feito sobre vogais, contendo alguns ditongos, interjeições e vocábulos ligados ao boi (por exemplo: *gado manso, bonito touro* etc.). 2. O aboio à maneira de refrão - o aboio puro, acompanhado de uma estrofe improvisada de ritmo silábico, que, por influência dos repentistas, pode ser realizado em sextilhas, quadras e outras regras da poética popular nordestina. Embora possa parecer um gênero novo. Juvenal

Galeno, em seu livro *Lendas e canções populares* (1865), já havia composto um poema denominado *O boiadeiro*, cujo refrão é um aboio: "É cou... mansão/É cou... é cão!" Os dois primeiros tipos são de cantos não acompanhados. 3. O aboio no teatro popular - sempre que aparece a figura do boi, acompanhada de vaqueiros, nos bumbas-meu-boi ou em reisados, o aboio é entoado ao som da vibração de soalhas de pandeiros. 4. O aboio cantado em ritos religiosos afro-brasileiros - o indivíduo possuído pelo *Boiadeiro* (entidade espiritual) apresenta-se cantando aboio, gesticulando como se estivesse laçando o gado. A melodia se sacraliza e é acompanhada pelos instrumentos do culto.

Os aboios apresentados nesta gravação não foram registrados no campo, na caatinga, mas em concentração de vaqueiros devidamente encourados, numa missa campal a eles dedicada por ocasião da Romaria de São Francisco das Chagas (de Assis), em outubro de 1982, quando se comemoravam os 800 anos de nascimento do padroeiro de Canindé.

José de Alencar, que era um cabeça-chata enamorado pelas cantigas de sua terra, escrevendo sobre os aboios (*O nosso cancioneiro*, 1874), observou: "São os nossos *ranz* sertanejos; e tenho para mim que nos pitorescos vales da Suíça não ressoam nem mais belos, nem mais ricos de sentimento e harmonia do que nas encantadoras várzeas do meu pátrio Ceará. (...) Quem tirasse por solfa esses improvisos musicais, soltos à brisa vespertina, houvera composto o mais sublime dos hinos à saudade."

Aloysio de Alencar Pinto

18	Ô gado ô, saudade de gado	3:19
19	Ah! é gado manso, ê	2:24
20	Ô gado manso, bonito touro	1:28
21	Chega uma alma de Deus	1:03
22	Sinto cheiro do gado giz.	0:55
23	Sou da casca da imburana	2:21

FICHA TÉCNICA ORIGINAL

Interpretação *Grupo de vaqueiros presentes à Romaria de Canindé, CE, em outubro de 1982*

- Faixa 1 *José Ferreira da Cruz (José Macal)*
Faixa 2 *Luís Xavier do Nascimento (Luís Preto)*
Faixa 3 *Cosme Paulino Viana (Prefeito)*
Faixa 4 *Luís Alves de Souza*

Faixa 5 *Dina Maria Martins Lima (Rainha dos Vaqueiros)*

Faixa 6 *Teresinha*

Gravação *Realizada ao vivo, em gravador K7 National Panasonic, por meio de alto-falantes, no interior da Basílica de São Francisco das Chagas, em Canindé, em 4/10/82*
Técnico de Som, Montagem e Supervisão *Prof. Aloysio de Alencar Pinto*
Produção *Instituto Nacional do Folclore (Lélia Gontijo Soares, diretora) - Rua do Catete, 179, Rio de Janeiro, RJ.*

ESTE CD É UMA REPRODUÇÃO DOS DISCOS DE VINIL E TRAZ NO ENCARTE OS TEXTOS CRÍTICOS E/OU INFORMATIVOS ORIGINAIS. PARA SEU LANÇAMENTO HOVE MINUCIOSO PROCESSSO DE RECUPERAÇÃO E REMASTERIZAÇÃO DIGITAL GRAÇAS AO EMPENHO DA CIA DE AUDIO. EVENTUAIS ALTERAÇÕES NA QUALIDADE DO SOM SÃO INERENTES AO EQUIPAMENTO E ÀS TÉCNICAS DE GRAVAÇÃO DA ÉPOCA.

O Instituto Itaú Cultural escolheu a recuperação do acervo fonográfico da Funarte como marco de sua atuação na área musical, coerente com o objetivo de contemplar uma das mais ricas vertentes de nossa cultura - a música brasileira - e valorizar a produção cultural pela pesquisa, sistematização e divulgação de suas manifestações nas diversas formas de expressão.

Construído nas décadas de 70 e 80, o acervo é resultado de diferentes séries temáticas de discos originalmente lançados em vinil, abarcando diversas vertentes de nosso universo musical e contemplando tanto a música popular e folclórica quanto a música erudita clássica e contemporânea. É inquestionável a constatação de que, não fora esta ação da Funarte, diversos músicos e composições jamais encontrariam espaço para registro e divulgação.

No início dos anos 90, a falta de diretrizes culturais para o país colocou em risco todo o trabalho anteriormente desenvolvido, levando à perda de boa parte das matrizes das obras produzidas. Graças à parceria estabelecida entre o Instituto Itaú Cultural, a Funarte e a Atração Fonográfica, os discos de vinil coletados entre diferentes colecionadores em diversos pontos do país estão sendo cuidadosamente remasterizados.

Temos, portanto, enorme satisfação em oferecer em compact disc aquele que é, sem dúvida, um dos mais importantes acervos de música brasileira.

- | | | | | | |
|----|---|------|----|---|------|
| 01 | Ô é chegado em vossa porta
(som de porta)
Reis-de-Bois/ES 6774404-9 D.R. | 3:37 | 12 | A minha caninha-verde (abertura)
Cana-Verde/CE 6774381-7 D.R. | 2:18 |
| 02 | Senhora dona da casa
(descante de porta)
Reis-de-Bois/ES 6774396-9 D.R. | 2:37 | 13 | Sorri, quá, quá
Cana-Verde/CE 6774373-9 D.R. | 1:47 |
| 03 | É hora, é hora, meu bem, é hora
(marcha de entrada)
Reis-de-Bois/ES 6774388-0 D.R. | 1:41 | 14 | Eu não vendo
Cana-Verde/CE 6774365-0 D.R. | 1:52 |
| 04 | Moreninha no meio do salão
(marcha corrida)
Reis-de-Bois/ES 6774380-8 D.R. | 2:05 | 15 | Galo, galo
Cana-Verde/CE 6774248-P D.R. | 2:07 |
| 05 | Risca o dedo na sanfona
(marcha de arretirada)
Reis-de-Bois/ES 6774372-P D.R. | 2:19 | 16 | Menina tu vai ao baile
Cana-Verde/CE 6774420-5 D.R. | 1:26 |
| 06 | Entremos nesta nobre casa (louvação)
Chegança/SE 6774364-1 D.R. | 3:15 | 17 | Caninha-verde, adeus, adeus (despedida)
Cana-Verde/CE 6774256-8 D.R. | 2:22 |
| 07 | Dia de segunda-feira
Chegança/SE 6774423-2 D.R. | 2:17 | 18 | Ô gado ô, saudade de gado
Abofos/CE 6774314-P D.R. | 3:19 |
| 08 | Embarca, embarca, embarca
Chegança/SE 6774415-4 D.R. | 1:19 | 19 | Ah! é gado manso, ê
Abofos/CE 6774306-1 D.R. | 2:24 |
| 09 | Mestre piloto
Chegança/SE 6774407-6 D.R. | 1:24 | 20 | Ô gado manso, bonito touro
Abofos/CE 6774353-6 D.R. | 1:28 |
| 10 | Terra, terra boa
Chegança/SE 6774397-8 D.R. | 2:00 | 21 | Chega uma alma de Deus
Abofos/CE 6774298-1 D.R. | 1:03 |
| 11 | Quando a aurora vem rompendo
(marcha de rua) e Ai, adeus que
eu já me vou (despedida)
Chegança/SE 6774389-P D.R. | 1:59 | 22 | Sinto cheiro do gado giz
Abofos/CE 6774345-8 D.R. | 0:55 |
| | | | 23 | Sou da casca da imburana
Abofos/CE 6774337-P D.R. | 2:21 |

Coleção
Musical **Itaú**
cultural



(011)813-6944
www.atracao.com.br

MINISTÉRIO DA CULTURA

FUNARIE

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

PRODUZIDO NA
ZONA FRANCA DE
MANAUS
COMERCIAL S.A. IMPORTADORA

COMPACT
DIGITAL AUDIO

Fabricado pela Microservice - Microfilagens e
Reproduções Técnicas da Amazônia Ltda. CGC:
34.525.444/0001-62 - Manaus - sob encomenda de
Atração Fonográfica Ltda. - CGC: 01.252.046/0001-61

